 Tempo de leitura: 6 min.

Alberto Marvelli (1918-1946), um jovem formado no oratório salesiano de Rimini, viveu sua curta vida no compromisso diário de servir aos outros, com toda a intensidade que suas forças permitiam. Sua vida normal, mas intensamente cristã, levou-o à santidade, sendo beatificado em 2004 pelo Papa São João Paulo II.

Alberto Marvelli, “engenheiro da caridade”, tem o charme de uma santidade extraordinariamente normal. Alberto tem um pai gerente de banco e uma família muito cristã. Ele nasceu em Ferrara em 1918, mas aos 13 anos de idade ele e sua família se estabeleceram permanentemente em Rimini, seguindo seu pai em suas viagens de negócios. É um garoto de saúde robusta e temperamento impetuoso, mas também é tão sério que às vezes nos faz pensar em um homem adulto. Ele faz o ginásio em meio a sessões de estudo e competições esportivas sensacionais. Aos 15 anos, matriculou-se na escola secundária clássica. Mas naqueles mesmos meses, a família foi duramente atingida pela morte de seu pai. Ele já é aspirante a delegado e animador do oratório na paróquia de Maria Auxiliadora. Ele ensina catecismo, anima as reuniões e organiza a missa dos jovens. Com apenas 18 anos, tornou-se presidente da Ação Católica.
Ao iniciar o ensino médio, Alberto começou seu diário e escreveu: “Deus é grande, infinitamente grande, infinitamente bom”. Mas ele registraria ali seu crescimento como homem e como cristão ao longo de sua vida. Nele lemos um “pequeno esquema” rigoroso e forte que ele se dá. Ele propõe em particular: oração e meditação pela manhã e à noite, o encontro com a Eucaristia, se possível também todos os dias, a luta contra os maiores defeitos: preguiça, gula, impaciência, curiosidade... Um programa que Alberto implementará por toda a sua vida.

Estudante viajante
Entre os 60 candidatos ao certificado de conclusão da escola clássica, Alberto fica em segundo lugar. Em 1º de dezembro de 1936 (aos 18 anos), ele começa seu primeiro ano de engenharia na Universidade de Bolonha. Assim começou a vida de um estudante que se desloca entre Rimini e Bolonha. Estudo e apostolado nas duas cidades. A empregada da tia que o hospedou em Bolonha testemunharia com palavras simples: “Eu costumava vê-lo dia e noite trabalhando duro para a universidade e para o apostolado. Às vezes eu o encontrava dormindo sobre seus livros e com o rosário na mão. De manhã, eu o via na igreja às 6h para a missa e a comunhão. Se os compromissos não lhe permitiam comungar mais cedo, ele

jejuava até o meio-dia. Ele impunha uma penitência formidável ao seu apetite”. Enquanto Alberto está terminando a universidade, irrompe na Europa o ciclone da Segunda Guerra Mundial. A Itália também foi envolvida por ele. Formado em engenharia, de agosto a novembro de 1940 Alberto estava em Milão, empregado na fundição Bagnagatti, sob os primeiros bombardeios. O industrial testemunhará: “Ele passou alguns meses comigo. Ele se familiarizou imediatamente com todos os funcionários e, particularmente, com os mais jovens e humildes. Ele se interessou pelas necessidades familiares dos trabalhadores e apontou para mim as necessidades particulares de cada um, solicitando a ajuda que considerava adequada. Visitava os doentes e incentivava os aprendizes a frequentar as escolas noturnas. Incutiu em todos um senso imediato e vivo de simpatia e cordialidade”. 30 de junho de 1941. Quando a Itália começa seu segundo ano de guerra, Alberto se forma em engenharia industrial com notas máximas. Logo depois, ele também veste o uniforme verde-acinzentado e parte como soldado.

O serviço militar e a guerra

Em janeiro de 1943, os russos lançaram sua ofensiva em toda a frente ocidental. O Armir (exército italiano na Rússia), que ocupava o fronte no Don, foi forçado a uma lendária retirada pelos intermináveis campos congelados, enquanto os russos e o gelo matavam. Lá em cima, Rafael Marvelli acaba de chegar e é morto em combate. Para Mamãe Maria, é uma hora muito difícil. Alberto escreveu em seu diário palavras cruas e sangrentas: “A guerra é um castigo para a nossa maldade, para punir nosso pouco amor a Deus e aos homens. Está faltando o espírito de caridade no mundo, e por isso nos odiamos como inimigos em vez de nos amarmos como irmãos”.

Ele é destinado a um quartel em Treviso. E é lá que acontece o “milagre” de Marvelli. O P. Zanotto, pároco de Santa Maria de Piave, escreveu: “Quando o engenheiro Marvelli chegou a Treviso, no quartel de dois mil soldados, todos blasfemavam e reinava a vida desregrada. Depois de algum tempo, ninguém mais blasfemava, quero dizer, ninguém, nem mesmo os superiores. O coronel, que era um blasfemador, dedicou-se a reprimir a blasfêmia entre os soldados. Em setembro, a Itália se retirou da guerra. O exército se desfaz. Alberto está em casa. Mas a guerra ainda não acabou. Os soldados alemães ocuparam a Itália, e os aliados intensificaram o bombardeio de nossas cidades.

Entre os refugiados em San Marino

Em 1º de novembro, Rimini foi atingida pelo primeiro bombardeio aéreo. Ela sofreu trezentas baixas e foi reduzida a um tapete de escombros. Eles tiveram que fugir

para bem longe, para a República livre de San Marino. Em poucas semanas, esse selo de terra livre passa de 14 mil para 120 mil habitantes.
Alberto chega lá segurando o cabresto de um burro. Na carroça, está sua mãe. Jorge e Gertrudes empurram bicicletas carregadas de comida para sobreviver. Eles são aceitos em um dos dormitórios da faculdade Belluzzi. Outras famílias estão nos armazéns da República, e muitas outras se amontoam nos túneis da ferrovia.
É muito fácil, em momentos como esse, fechar-se em si mesmo, pensar na sobrevivência de seus entes queridos e nada mais. Em vez disso, Alberto está no centro da assistência, disponível para todos. Uma testemunha escreve: “À noite, ele rezava o terço em voz alta nos dormitórios do colégio Belluzzi, depois ia dormir da melhor forma possível junto aos conventuais; e pela manhã, na igreja cheia de refugiados, ele ajudava a missa e comungava. Em seguida, ia novamente a todas as ruas para encontrar a todos os necessitados. Ele tomava nota das necessidades e, quando não podia chegar, confiava o trabalho a outros. Ele entrava nos túneis de onde as pessoas não ousavam sair”. Domingos Mondrone acrescenta: “Todos os dias ele pedalava quilômetros, coletando alimentos. Às vezes, voltava para casa com a mochila perfurada por estilhaços que explodiam de todos os lados. Mas ele, com amigos que imitavam sua coragem, não parava”.

Queriam que ele fosse prefeito

21 de novembro de 1944. Os Aliados entram em Rimini. Ao redor, vilarejos e bosques em chamas, engarrafamentos de carroças, caminhões e carros. Mortes e desolação. Alberto volta para lá com sua família. Ele encontra sua casa (atingida, mas ainda habitável) ocupada por oficiais britânicos. Os Marvelli se instalam no porão da melhor maneira possível. Naquele terrível inverno (o último da guerra), Alberto se torna o servo de todos. O Comitê de Libertação confiou a ele o escritório de habitação, o município confiou-lhe a engenharia civil para a reconstrução, o bispo lhe entrega os “graduados católicos” da diocese. Os pobres cercavam permanentemente as duas pequenas salas de seu escritório e o seguiam até em casa quando ele ia comer alguma coisa com sua mãe. Alberto nunca rejeita um só deles. Ele diz: “Os pobres passem logo, os outros tenham a cortesia de esperar”.
Após a paz, a miséria das pessoas continuou. Na guerra, muitos perderam tudo.
O ano de 1946 é devorado dia a dia por necessidades intermináveis, todas urgentes. Alberto vai à missa, depois fica à disposição. No final daquele ano, ocorrem as primeiras eleições locais. Batalhas acirradas entre comunistas e democratas cristãos. Um comunista, que via em Marvelli todos os dias não um democrata-cristão, mas um cristão, disse: “Mesmo se meu partido perder… contanto que o engenheiro Marvelli seja prefeito”. Ele não se tornará. Na noite de 5

de outubro, ele jantou rapidamente ao lado de sua mãe e depois saiu de bicicleta para realizar um comício em São Juliano do Mar. A 200 metros de sua casa, um caminhão aliado em alta velocidade o atinge, joga-o no jardim de uma casa e ele desaparece na noite. Ele é recolhido pelo trólebus. Morre duas horas depois. Ele tem 28 anos de idade. Quando seu caixão passa pelas ruas, os pobres choram e mandam beijos. Um cartaz proclama em letras garrafais: “Os comunistas de Bellariva se curvam reverentemente para saudar seu filho, seu irmão, que espalhou tanto bem nesta terra”.

dom Mario PERTILE, sdb